

A DEMOCRACIA

PERIODICO POLITICO, LITTERARIO E SCIENTIFICO



REDACÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

RIO DE JANEIRO, 11 DE ABRIL DE 1887

ADMINISTRAÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

Publica-se tres vezes por mez

N. 23

EXPEDIENTE

Semestre 3,000
Anno 6,000

Os nossos assignantes que até o dia 30 do corrente tiverem pago o semestre que se finda em 30 de Junho receberão, como brinde, um exemplar da inspirada conferencia, feita em Campinas, em 13 de Março, pelo nosso illustrado co-religionario Dr. Ubaldino do Amaral.

Rio, 11 de Abril de 1887.

CHRONICA POLITICA

Os tempos correm pacificos.

Entretanto, nada mais azaroso e critico do que esta quadra.

E' verdade que não temos grandes acontecimentos a perturbar o curso da politica, nem estrondosas revelações que façam estremunhar os espiritos somnolentos d'esta terra.

Não-se somente um ponto negro no horizonte, prenuncio infallivel de tempestade. Em breve tordar-se-hão os ares e se ouvirão os pios agoueiros que repercutem tão sinistramente no fragor da borrasca!

Todos os phenomenos da vida têm identico evoluir de accidentes. Depois de agudissimas dores em que o mal se manifesta e firma raizes, subentra um estado de torpôr e de cansaço relativo. E' o periodo comatoso que precede os espasmos da agonia.

Ninguém fulta de politica, nem transpira signal de sua virtualidade. Não existiria, se não presenciássemos o mastigar dos convivas á mesa do orçamento.

Mas a nuvem ameaçadora cresce, ensombra o céu e não desaparecerá senão depois de medonha descarga. Nós estaremos de mãos postas evocando um Santelmo: os elementos convulsos abafarão os accents e levarão por diante a ruina e a destruição!

O homem não dura... Força é cogitarmos nos meios de substituí-lo... Renovarem as fargas de 22 e 31?... Aceitaremos uma triplíce outorga de diretos?... A um Baixo-Imperio só corresponde o desmembramento, como á podridão a volatilidade dos gazes...

Se a lei a que havemos de obedecer é da decomposição, seja-nos licito carpir a nossa sorte e aventar alguns juizos acerca das futuras organizações em que nos possamos concretisar.

A presumptuosa autoridade de nossos maiores estatuiu que a direcção do Estado transmittir-se-ia em linha recta, «segundo a ordem regular de primogenitura» (art. 117 da Con.); impondo assim um jugo tyrannico e irracional, sem attender aos progressos da época, nem á volição d'aquelles sobre quem viesse a pesar aquella disposição.

A consequencia de semelhante lei, arbitrária e absurda, seria sujeitar-nos *in limine* ás extravagancias do acaso, d'onde effectivamente surge legalmente empossada uma her-

deira a qual tem, quando muito, capricidade para varredura de capellas, artista e cultora de piano, dilettante e eximia em *floriture* musicas, mas de nenhum senso na governação de um Estado assoberbado por violenta crise social e economica.

Dado que realmente se verifiquem os nossos presagios, a situação de agora continuará inalterada: sempre os mesmos individuos a affrontarem a animadversão publica; sempre os mesmos abusos, as mesmas tricas em que se emmanha e se esvae a actividade de tantos homens sem o minimo proveito para a patria.

Tambem para o caso, é indifferente que reine dom Pedro III, filho da princeza Isabel, ou o outro homonymo procedente do duque de Saxe.

Qualquer d'elles seria posto debaixo de tutela, até inaugurar-se uma nova edição do «quero já».

O que causa pismo é ouvir-se a cada passo a confissão da nossa incapacidade para reger-nos por leis adiantadas e por uma forma de governo livre!

Francamente, duvidariamos da Providencia Divina, da existencia de um Ser Supremo, de nossa propria racionalidade, se para o goso da liberdade fosse imprescindivel passar pelo despotismo, soffrer a escravidão, mergulhar no vicio, corromper previamente o character e aniquilar d'antemão a dignidade!

Não; o povo brasileiro já presentio a aproximação da grande catastrophe.

A questão não é de maior ou menor aptidão ou capacidade politica.

Espera-se unicamente a occasião de fazer explodir a colera concentrada. A coragem de reagir virá desde o dia que os descontentes perceberem o enorme contingente em que se desdobram.

Iniciada a luta, prevalecerão os elementos que têm por si não só a força bruta como a sanção e o applauso do século. Plebeus contra patricios. Cesar esmaga Pompeu.

Para tanto não carece o povo preparar-se, manobrar, urdir planos e ciladas. Elle é qual criança inoffensiva e descuidosa, ao proprio tempo que cresce, gigante, enfurece-se e desfere golpes possantes contra os quaes a resistencia é loucura.

O ponto está em que elle sinta os primeiros chamuscos e se exalte com o jorro das primeiras gottas de sangue. As consequencias não serão somente graves, mas luctuosas e irremediaveis

Dias amargos estão-nos reservados e muito teremos consguido se, para evitar a anarchia e o saque, tivermos arvorado o pavilhão que congregue em seu redor os esforçados batalhadores de agora, chamados a dirigir e secundar a nova cruzada que infallivelmente e para honra nossa se ha de iniciar.

O nosso congaçamento e consequente união, eis a maxima necessidade da presente situação.

Deixar de promover tão urgente commettimento é igualar-nos á condição d'esses infelizes, cuja sorte se procura alliviar independentemente de sua acção, coitados! tão abjectos e embrutecidos!

Não faltará quem olhe para estas conjecturas e apreensões com desdém, considerando-as puro sonho e devaneio.

Na verdade, se ellas fallarem, firmar-se-ha o conceito que vivemos no melhor dos mundos e que o perigo de cahirmos no abysmo só existe nas cabeças aterrorisadas e em deploravel desequilibrio.

Quizeramos enganar-nos a ter de provar a evidencia e realidade do que vaticinamos.

E talvez que a nossa argumentação seja simples effeito de illusão optica, ou de mentalidade desarranjada!

De facto: que outra voz ousa, n'esta capital, interromper os canticos e hymnos de graça pelo restabelecimento d'aquelle a quem nós votamos ás sombras do Styge? Quem mais ha que grite alerta e toque a rebate, divisando inimigos em toda parte e fomentando sustos imaginarios?

Forçosamente, somos nós os illudidos, os visionarios, os nihilistas, os desordeiros, os sacrificadores da paz; conspiradores malvados e sem consciencia, para os quaes todo o desprezo e rigor de castigo é pouco.

Só assim se explica o silencio e a indifferença de todos diante d'estas manifestações que levam-se á conta de doestos impotentes e indignos da merecer attenção.

Sinceramente, nós cremos que sonhamos.

OS HORIZONTES

O Imperador está gravemente enfermo.

Esta é a verdade, disfarcem-a, embora, os medicos da imperial camara e guardem, mesmo a respeito os membros do governo o mais absoluto silencio.

O poder supremo, estatuido por essa carta outorgada, que é a base fundamental da nossa nacionalidade, pode, pois, de um momento para outro ter de passar a outras mãos.

E d'envolta com essa transferencia lá vão todos os destinos, todas as aspirações e todo o futuro desta patria.

A successão cabe de direito a uma senhora, respeitavel, com certeza, por muitos titulos pessoais, mas incapaz, por suas idéas acanhadas e retrogradadas, geralmente conhecidas, de assumir a direcção dos negocios publicos nas temerosas emergencias por que está passando a nação a braços com gravissimos problemas que se vinculam á sua propria independencia e á sua definitiva organização.

Se a seu lado, ao menos, houvesse, prestigiado pelo affecto, um espirito superior, capaz de inspirar a nação na difficil tarefa do governo, impellindo-a docemente para o caminho do interesse geral e do bem da nação, ainda haveria lugar de esperanças para os crentes da fé monarchica.

A casa de Orleans, porém, nunca produziu d'esses espiritos, e o que a historia refere, como conceito geralmente admittido, é que são insignes exploradores, avidos de cobiça e de mando todos os membros d'essa illustre familia.

A beatice e a avareza, taes serão, dentro em breve, os dois polos em torno dos quaes deve girar todo o imperio.

Nos desvarios da credence religiosa e no delirio das riquezas desmesuradas vai o imperio terminar, depois de mais de meio século de esterilidade e corrupção, a decomposição lenta, mas incessante que lhe mina o organismo desde a sua origem.

Estamos no começo do fim.

E qual será esse fim?

Terá sido tão profunda a gangrena monarchica que só tenhamos á esperar o esphacello, isto é, o desmembramento da patria, como certos symptommas já parecem querer indicar?

Ou, forças regeneradoras, até agora afastadas da actividade politica, surgirão potentes e victoriosas, remodelando toda a nossa organização social, sob uma forma mais apropriada á dignidade humana e ao espirito continental da America?

Mas onde estão estas forças?

A idéa republicana que, entre nós surgiu desde que a idéa de patria brasileira appareceu, resistiu, e não ha contestal-o, a todos os golpes, e tremendos foram, que a monarchia lhe vibrou.

Todas as armas foram manejadas: a força, o punhal, as balas primeiro, a perseguição, a fome e a corrupção, depois.

Mas os martyres que tombaram e os crentes que soffreram parece que apuraram essa fé politica.

Até as traições, operadas umas pela miseria, pelo subórno outras, fortificaram a idéa, depurando-a dos caracteres menos firmes e menos puros.

Se porém essa crença politica tem resistido a todo o trabalho systematico de seu exterminio e aniquilamento, não tem, todavia, podido por essa mesma razão tomar o desenvolvimento sufficiente para, com assentimento geral, assumir de prompto os destinos do paiz.

Entretanto esta é a unica luz de salvação que scintilla nos horisontes entenebrecidos da patria.

Os patriotas devem estar a postos. E' preciso iniciar o grande movimento dos espiritos que precede sempre os grandes movimentos sociaes.

Metta-se hombros, sem demora, á tarefa gigante da reconstrução nacional, antes que os elementos sociaes, ainda validos, percam de todo a pouca vitalidade que ainda lhes resta.

O momento é decisivo.

Analyse-se o nosso tristissimo estado, desvendem-se aos olhos de todos as podridões do nosso corpo social, revolvam-se todas as nossas eternas misérias e sobreludo, aponte-se o futuro negro de incertezas e dores que nos lhes espera.

A alma nacional ha de vibrar, e compreendendo que a sua felicidade não pode estar adstricta a instituições caducas e exolicas sem fundamentos na razão, nem justificativa na sciencia; instituições que abateram-lhe os sentimentos até um egoismo feroz e brutal e deturparam-lhe o character até quasi a passividade de automatos, a alma nacional lançará, despedaçados, para todo sempre os moldes estreitos que a opprimem e vibrará valente, americana, no grande concerto da liberdade que a civilização celebra nas livres terras do nosso continente.

NEVROSE ESCRAVISTA

Não contará de certo a historia da escravidão no Brazil uma pagina tão triste e humilhante, tão cheia de crimes e horrores como essa que estão escrevendo com o sangue dos escravos os negreiros nos ultimos dias do reinado do Sr. D. Pedro II.

Será ella o fundo negro tenebroso do quadro brilhante da campanha abolicionista que tem sitiado nas ultimas anfractuosidades do solo da patria a ignominiosa prostituição servil.

Nem o largo dominio do trafico africano, com tudo o que n'elle havia de hediondo e cruel, nem o extenso periodo dos grandes mercados locais e interprovinciaes de escravos com todas as suas especies, cada qual mais torpe até o da prostituição das mulheres pelos proprios senhores, que da respectiva diaria viviam e enriqueciam; nada d'isto é comparavel aos actos de ferocidade e cannibalismo que ora se praticam em todo o imperio contra as victimas do grande attentado social.

Veio o governo Cotegipe, a suprema vergonha do actual reinado, abrir os diques á sanha negreira sopitada pela expulsão abolicionista.

Declarando-se abertamente contra o abolicionismo, a reacção escravocrata, tem-se exercitado e desenvolvido tão violentamente pelos poderes publicos e pelos poderes senhoriaes que bem parecem os ultimos arrancos da fera acossada, que não podendo tragar de uma só vez a sua presa, a estrangula e mutila com o furor proprio de sua natureza.

Desde que o imperador sancionava com a sua imperial rubrica a fraude ministerial contra a liberdade dos escravizados e a dignidade do municipio neutro no celebre regulamento Prado; desde que attento á sanha negreira do governo a policia imperial entendeu ser sua exclusiva missão perseguir deshumanamente os pobres escravizados e os suspeitos de o serem; desde que o poder judiciario, submettendo-se aos fazendeiros do ministerio e de seus districtos, assassinava a agoites, conculcava a lei de 31 e atropellava a liberdade; declarava-se em todo o paiz e especialmente no centro da monarchia, um S. Bartholomeu tremendo em que os miseros escravizados, os modernos huguenotes, começaram e são impunemente suppliciados pelo modo que melhor apruz aos algozes e lhes inspira a sua bestial vingança de senhores.

Nada pode haver mais deprimente do nome e dos sentimentos do governo de um paiz que pretende tomar parte no congresso das nações civilizadas.

Terrivel ironia do governo de um principe que se diz sabio, philosopho, magnanimo, mas cuja magnanimidade tem prolongado e prolongará o mais possivel a escravidão em sua patria.

O coração dos homens bons não pode soffrer os abalos successivos de indignação, dôr e pejo que lhe vibram as noticias quotidianas e multiplicas de escravos immolados a essa nevrose negreira que o governo do imperador suscitou e alimenta com o seu apoio tacito ou expresso, porque é a satisfação de seus proprios instinctos.

Estes attentados e perseguições selvagens contra os fracos e opprimidos, incapazes de resistir e reagir, são de uma cobardia monstruosa e mais monstruosa se torna o governo que os deixa sem repressão e os anima com a sua connivencia.

O ministerio Cotegipe subiu ao poder com o designio de ser um victimario da peor especie; e a monarchia que aceita em holocausto victimas humanas e inertes lava contra si propria a mais infamante sentença condemnatoria.

Ha de chegar, pois, o dia da justiça. Elle se aproxima.

O desejo platonico, senão hypocrita, manifestado pelo imperador na Camara Municipal d'esta cidade parece não se realizará. Receiamos que sua magestade ha de morrer

deixando sua patria manchada pela escravidão e ouvindo os lamentos de cerca de 700 mil seres humanos sob os grilhões do captiveiro.

Sua magestade ha de morrer vendo os ultimos dias de seu reinado cobertos do negro opprobrio d'essa montaria de seu governo e dos crimes truncentes dos senhores por elle tolerados contra os innocentes de tudo espoliados, até do direito de viver.

A maldição da historia não poupará o governo reacconario e escravista de sua magestade, nem tampouco o rei que não teve sequer o bom senso de nos ultimos dias de vida resgatar seus erros e eternisar sua memoria por um grande acto de coragem e humanidade.

Siga, pois, o seu curso a nevrose escravista.

A IMPRENSA REPUBLICANA

IV

Este breve estudo traz d'envolta a difficuldade de expôr-se com clareza assumptos complexos e de si muito vastos.

Prescindindo de fazer aqui o historico dos partidos militantes e atendo-nos á distincção estabelecida precedentemente, havemos de notar que entre os funcionarios do Estado e mesmo entre as pessoas de quaesquer classes existem algumas variantes dignas dos nossos reparos.

Em primeiro lugar, ha um grande numero de individuos que se julgam dispensados de nutrir ideas proprias. O facto de desempenharem esta ou aquella função inibe-os, em seu entender, de professar opiniões acerca de politica.

Vêm depois os que commungam os principios de seus chefes de secção ou superiores em hierarchia.

Os que, por hereditariedade, abraçam o partido a cujo nucleo julgam que pertencem como moleculas de um só corpo.

Outros muitos que põem em almofada as suas convicções, proclamando sempre as do melhor offerante ou licitador.

Os irresolutos, indolentes, sem feição propria, esquivos, relapsos, possuidos dos melhores desejos, mas sempre tardios em pronunciar-se.

Por ultimo, aquelles que consagram culto ás personalidades, não pelas ideas que estas representam, porém sim em virtude de laços de amizade, favores recebidos, sympathias conquistadas, etc.

Feitas estas importantes reduções, convenhamos que ainda haja uma classe assaz numerosa dos que obedecem ao seu impulso natural e que optam pelas crenças que em boa fé consideram verdadeiras e legitimas.

E' demasiado evidente que, possuindo elles um espirito regularmente perspicaz, não deixam de notar as mystificações dos partidos, liberal e conservador, os quaes incarnam ás vezes aspirações oppostas ao seu programma e reflectem em todo caso a anciedade com que lutam para refestelarem-se no poder com o unico fim de gosarem dos respectivos proventos.

Influencias do meio, falta de conveniente discernimento para proceder a confrontos, deficiencia de educação e de sãs noções acerca das formas politicas, são empecilhos que atravancam a percepção clara e causam certa perplexidade e incerteza quanto á verdade genuina das cousas.

Se ha caracteres que se resintam d'esses inconvenientes, convem esclarecel-os, doutrinal-os e inocular-lhes a fé de que com o desaparecimento das actuaes condições e ordem de interesses, raiará nova aurora e um renascimento para a vida civil e politica do paiz, d'onde resultará verdadeiro desvanecimento e orgulho de pertencermos a uma patria grandiosa e de inenarraveis venturas.

Parecerá termos em demasia restringido o campo de acção para a imprensa republicana;

esta opinião modificar-se-ha ao reflectir-se que uma propaganda bem nutrida não deixará de respigar n'uma ou outra das categorias acima mencionadas não poucos adeptos, convertidos e subjugados pelo prestigio e pelo ascendente que sôem exercer sobre as consciências, os gloriosos principios em que se estriba o dogma da justiça, igualdade e liberdade, fielmente interpretado.

PALAVRAS SINCERAS

De todas as condições deploraveis a que uma sociedade pode ver-se reduzida, a peor é sem duvida a descrença e o indifferentismo por tudo o que a rodeia.

Que governe Pedro ou Paulo, que digam isto ou aquillo d'ella, nada a commove nem abata da sua apathia.

Nós temos chegado a este ponto: preocupamos de preferencia um dito picante, uma contenda apimentada de insultos e invectivas, uma peça theatral de moralidade dubia e mal velada, e pouco se nos dá que altos interesses se resolvam pelo disparate, nem que uma autoridade se exceda e commetta actos de vandalismo.

Aonde e quando se vio o povo conceitar-se, affluir a um ponto qualquer e clamar por seus direitos conculcados?

Aonde e quando surgiu o espirito da solidiedade que devia estreitar-nos a todos em bem do opprimido e do suppliciado?

Agente-se cada um como puder e faça por evitar o escandalo, cujas consequências chegarão quando muito a excitar o riso de seus semelhantes e a provocar a debandada dos que se julgavam amigos e interessados.

Eis a realidade nua e crúa, em que pese aos privilegiados e gosantes da situação.

A' imprensa cabia a missão de corrigir o pendor, que se apossou de nós todos, para um egoismo torpe e cruel. Acontece, porém, que o jornal que se impuzer a tarefa de catechisar, moralisar, defender o fraco e vingar uma affronta, esbarra contra a gelida attitudão do publico; e se aquella tentativa visava a autoridade superior, tem além d'isso que supportar as chufas e apodos dos mastins governamentais que desgraçadamente ainda acham guarida em diversas redacções, o que concorre não pouco em divertir a attenção dos leitores.

Se hem se observa a marcha das empresas jornalisticas, obtem maior successo a que mais se distingue pelo chiste, a pilheria e levandade de propositos. Parece, na realidade, que uma vertigem colheu a maior parte dos órgãos de publicidade, cujo effeito é rivalisarem nas scenas mais grotescas e caricatas.

A culpa n'este caso não recae *in totum* sobre aquellas empresas, mas principalmente sobre a população que assim as deseja, protege e favorece.

E porque não dizel-o? A nossa sociedade é um conjunto heterogeneo, insonte, desconnexo; um amalga de seres que se repellem; a reunião fortuita de individuos sem affinidade nem assimilação; um concenso ou agglomeração de pessoas, as quaes, como em vasto amphitheatro, gosam dos incidentes da representação.

Os episodios que possam occorrer poderão, por instantes distrahir os espiritos, fazel-os mesmo vibrar n'uma determinada modalidade; mas ninguém se julgará pessoalmente relacionado com seus effeitos, a menos que nominalmente chamado a manifestar-se. Fal-o-ha então com todas as chapas do estylo, repleto de bons sentimentos, ardorosos e patrioticos que, aliás, jamais pensára em tomar ao serio ou pôr virtualmente em acção.

Sociedade, composta de mercadores estrangeiros, cuidadosos só do dia de amanhã, e de pensionistas do Erario, vulgo empregados publicos, não podia, de facto, apresentar outra face que não a da inconsistencia nos fins de ordem extrinseca á sua vida e evolução.

Moral e legalmente os empregados publicos acham-se vinculados a quem lhes transmite

seiva e subsistencia e qualquer pensamento contrario ao governo traduz um acto de rebelião que aquelle pode no seu interesse pretender abafar. Assim tem-o entendido e feito toda a vez que se lhe offereceu occasião.

Os estrangeiros, de seu lado, podendo tornar-se um poderoso elemento de progresso, só mostraram-se até hoje prejudiciaes, infensos ao bem do paiz que os alberga, inertes para a obra da regeneração commum; elles patenteiam sómente forças e tendencias sagradas, esterilísantes; forças e tendencias que se isolam effusam n'um unico ideal: o proprio bem estar, custe embora a vergonha e opprobrio da nação. Vivem pelas fibras sensitivas, com menoscabo de qualquer outro sentimento mais nobre e elevado.

Dirão que falta-lhes incentivo para procederem mais sensatamente. Eisto é uma grande verdade.

Se o nosso engranhecimento provém do mutuo concenso de todos, estrangeiros ou não, cumpria dar a estes toda latitude de direitos, inclusive o da participação nos negocios politicos. Actualmente elles só o adquirem, mendigando-o e praticando uma acção feia a que chamam abjuração ou apostasia.

As desigualdades revoltam?

O desenlace das actuaes condições importará o nosso esmagamento, quando não seja a dараção indefinida de uma situação dolorosa, inqualificavel, profundamente viciada e sem correctivo possivel.

A QUESTÃO DE FORMA

Da mais valente e illustrada folha republicana, d'entre quantas se publicam no Imperio, d'aquella que mais notorios e assignalados serviços tem prestado á causa da republica, pela profundeza de seus conceitos, limpidez de sua linguagem e serenidade de seus juizos, da gloriosa *Federação*, de Porto-Alegre, extractamos o brilhante artigo, em seguida estampado, que pulverisará, para todo sempre, uma objecção constante dos nossos adversarios.

Ao honrar as humides columnas d'este periodico com labor de tão eminente collega, enviamos-lhe, de todo o coração, a mais sincera e profunda saudação fraternal.

«Estariamos livres de insistir mais uma vez sobre a questão de forma, se, sobre a significação d'esta palavra, não se tivesse estabelecido um trabalho pertinaz de corrupção.

A palavra forma não significa unicamente a *disposição exterior das partes de um corpo e que constitue a differença entre um e outro individuo, uma e outra especie*, se hem que mesmo n'este sentido a forma não se possa comprehender senão intimamente ligada á essencia; significa tambem a *maneira o modo* por que se faz alguma cousa.

A controversia só se pode estabelecer, despresada a segunda significação, justamente aquella que nos deve preoccupar porque — forma de governo — significa — maneira de governar.

E o que é mais notavel é que, justamente aquelles que se dizem inclinados á republica e que não fazem depender a sua acceitação senão do tenue fio da oportunidade, são os que jogam mais frequentemente com o velho sophisma: entre a republica e a monarchia não ha differença, a questão é somente do forma.

Pois seja de forma, mas tomada a palavra no seu verdadeiro sentido — maneira pela qual os povos se governam.

A monarchia constitucional, systema de transição entre os dois governos legitimos — a monarchia de direito divino, fundada na força, e a republica, conquista da liberdade — aceita o dogma de que a soberania reside no povo, sendo, por consequencia, o poder uma delegação d'elle.

A monarchia de direito divino mais logica e mais sincera, tirando o seu poder de Deus e apoiando-se na força, governava sem fiscalisação e, do exercicio do poder magestático, concessão de Deus, reservava-se o direito de não prestar contas senão a elle.

Mas o poder espiritual, que era o seu maior apoio, perdeu por completo a influencia e a efficacia; a força pertencia aos dominados que isso mesmo fizeram saber de um modo bem energico aos dominadores.

Morta a soberania que tinha a sua origem na Divindade, passou a soberania, conquista da liberdade, a pertencer a quem a tinha conseguido.

O poder soberano, não podendo ser função immediata de todos os cidadãos, é exercido por delegação.

Delegação não é renúncia; delegação implica temporariedade, faculdade de revogar. Eis porque atacamos a legitimidade da monarchia constitucional, que explora o dogma revolucionário da soberania do povo e gosa dos proventos da monarchia absoluta — a perpetuidade, a irrevocabilidade.

O mandato supremo nas modernas sociedades deve ser temporário, porque é preciso attender ao elemento mutável, aos novos interesses e porque é necessário, uma vez conhecido o erro n'uma escolha, obviar-lhe os inconvenientes sem o doloroso recurso das revoluções.

Na monarchia, se o chefe supremo é máo, só lançando-se na luta fratricida pôde uma nação evitar o mal maior de continuar a sofrer-o; na republica, como o mandato é temporário, a questão resolve-se por uma eleição e não fica o individuo deposto como uma perpetua ameaça á tranquillidade publica, depois de ter sido uma calamidade social.

São cel-bres os pretendentes. Mas, dissemos que a monarchia, a constitucional, porque a outra já ninguém tenta defender, é illegitima.

Vamos provar-o. Um povo exerce a sua soberania por intermedio da massa de cidadãos que se combinou em chamar o corpo eleitoral.

Notemos de passagem que os reis não são aclamados; quando morre um, é substituído pelo que elles chamam successor legitimo.

Mas concedamos a eleição, a eleição unanime mesmo.

Uma geração só pôde tomar compromissos para si, e não pelas gerações futuras, logo o seu mandato tem de ser forçosamente temporario, do contrario occorre ás que lhe succederem um dever de obedecer-lhe igual ao direito que ella tinha de tomar compromissos por quem não lhe tinha para isso dado poderes.

Mas a monarchia presuppõe a hereditariedade e a perpetuidade, excedendo portanto os poderes do mandante.

Uma geração dura pouco; quando ella acaba, termina a legitimidade do depositario da sua confiança e a geração que lhe succede, sem consulta, vai sempre soffrendo o jugo de uma familia, que, de paes a fillos destructa o poder supremo sem outro titulo além do acaso do nascimento.

Mas uma mesma geração, se reconhece que andou erradamente na escolha do primeiro magistrado e quer cassar-lhe os poderes, o que pôde fazer, se entregou-se completamente, se esses poderes são irrevogáveis? Só pôde lançar mão do recurso violento das revoluções, o mesmo que têm as gerações seguintes.

A monarchia com os seus caracteres inseparáveis, hereditariedade, irrevocabilidade, não se pôde casar com o principio que a soberania pertence aos povos, os quaes se succedem por gerações com interesses mutáveis, contrarios muitas vezes, interesses que exigem, para a paz indispensavel e para o trabalho de produção, o mandato temporario.

A republica é a unica forma de governo em que a poder é um exercicio legitimo da soberania delegada.

Cada geração escolhe os seus mandatarios; pôde-se dizer que os povos governam-se pela livre escolha do chefe do poder executivo.

Na monarchia constitucional os povos são governados por quem não escolheram e que não tem por si mais do que a triste legitimidade do facto consumado.

Na republica o poder soberano é delegado directamente e por tempo limitado.

Na monarchia ha a renúncia perpetua e irrevogavel d'aquelle poder.

Uma é a conquista da liberdade; outra a conquista do sophisma.

Para os males de uma eleição infeliz ha uma nova eleição; para os males da abdicação da soberania, só a revolução.

A differença é, pois, completa, tão grande como a que vai da corrupção da liberdade á sua posse definitiva, tranquilla e fecunda.

A NOSSA POLICIA

Toda a gente sabe como é mal feita a policia d'esta corte. Toda a imprensa está cansada de reclamar contra a deficiência, contra o deleixo, contra a pessima organização, que a torna ridicula á força de ser impotente, e do grande desprestigio em que cahio, depois dos factos do Castro Malta e do entreacto burlescamente tragico da navalha escravista do Sr. Bastos.

Entretanto, o que ninguém imagina é a que ponto de incuria chegou este serviço publico, o de mais responsabilidade, o que mais critério exige dos seus funcionarios.

Tomemos um ponto ao acaso para comprobar esta accusação. Seja o 1.º districto do Sacramento.

Compõe-se este districto de toda a área comprehendida entre a rua do Hospicio desde a dos Ourives até o Campo de Sant'Anna; d'ahi até a rua do Visconde do Rio

Branco; esta rua até o Largo do Rocio; rua do Espirito Santo, Travessa da Barreira; Becco, Rua e Largo da Carioca; rua de S. José até a dos Ourives, esta até a do Hospicio.

Como se vê, n'esta importante porção da cidade ficam localizados, quasi todos os theatros, a maior parte das casas de prostitutas e hospedarias de má nota, pontos dos bonds, restaurants, joalheiros, casas de jogo e pontos de reunião de capoeiras, o emporio, finalmente, da vida nocturna no Rio de Janeiro.

Pois bem, o policiamento d'este districto é feito inalteravelmente por QUATRO soldados, tendo a respectiva estação, apenas outros TRES que n'ella pernoitam, fazendo a sentinella e mais serviços.

Diante d'este facto indesculpavel, d'esta verdade incontestavel, que se pôde esperar de segurança, contra os gatunos, contra os desordeiros? Que se pode pedir a estes soldados, senão que se abstenham de acudir ao apito de soccorro, com medo elles mesmos de succumbir, vencidos pela força e pelo numero?

Por esta miseria escandalosa da nossa policia, quem é o responsavel?

Ha entretanto policiaes para acompanhar até as fazendas os negros fugidos, cuja cada é um dos officios em que está mais aplegado o sr. chefe da policia.

Outros escandalos ha, sobre que seria tardio e improficuo o nosso reprehendimento.

A nossa policia já não cõra facilmente.

Embotou-se-lhe a consciencia ao contacto da navalha civilisadora.

E, se não, como se explica o procedimento do Sr. Emilio da Fonseca, prendendo dentro de sua propria casa, uma senhora, cujo unico crime era ser esposa de um homem que despertara as iras do sr. subdelegado?

Este emprego hoje assemelha-se em tudo ao de feitor de pretos. Como tal, é exercido conscienciosamente. O feitor-mór dá o exemplo, Figaro de reflexo e apito.

Ainda ha bem poucos dias deu-se o facto de ter sido preso em flagrante delicto de roubo de joias n'uma ourivesaria da Praça da Constituição, um individuo, cujo crime tinha sido, dias antes, revelado á policia por um outro gatuno preso, e a troço de sua liberdade.

Pois bem: preso o roubador, choveram os empenhos a favor do criminoso. Em resultado, foi o delicto classificado de furto; o preso deu fiança e passeia hoje pelas ruas da cidade.

E' irrisorio, é espantoso, mas é verdade.

O sophisma sobre a classificação do crime teve os resultados mais propicios.

Até onde chegará esta desmoralização?

E para cumulo, advocacia administrativa até... na policia.

A China tem os coolies, a Russia tem os moujicks, o Brasil tem os brasileiros.

Vivam as instituições que felizmente nos regem!

SECÇÃO LITTERARIA

ESPECTRO DE BANQUO

Sempre em nossos festins, um traço de tristeza. Dos hymnos na harmonia, nota discordante. O gemer comprimido, o soluçar vibrante. De quem de seus irmãos expulso foi da mesa,

E arrasta do captivo a sorte degradante, Os pesados grilhões e a frigida dureza; E, como da injustiça a victima indefesa, Maldiz do sol da patria o brilho fulgurante

Crendo não sera luz bastante intensa eviva, Pois que inda a treva occulta a muitos a verdade E não sente o oppressor a sua força activa

Nem alça olhos ao céu, nem vê a Humanidade, E qual novo Caím, de Satanaz conviva, Do irmão arranca a vida após a liberdade.

J. SIMÕES

MAYAR

— Sabes tu, eu quizera agora possuir o imperio do mundo para...

— O imperio do mundo?! Enlouqueceste?

— ...dar em troca de um sorriso.

— Tu desvairas. Vo'tas do theatro, com idéas de quem passou a noite n'uma orgia no Olympo.

— Zombas? Fazes bem. Dizes que eu venho de uma orgia? Acertaste. Embriaguei-me. Estou ebrio ainda. Mas embriagado por um vinho louco... Tu ris? Ri, mas eu digo-te verdade. E' o vinho da loucura, o que me inunda o cerebro. Se tu a viesses; dirias o mesmo que te eu digo.

— Mas repara em tuas palavras; não venho eu contigo, não te acompanhei, não a vi tambem?

— Não! Não! Tu olhaste, mas não viste. Tu nem sequer comprehendeste o desafio que nos foi atirado, eloquente, arrogante, victorioso, um desafio de estrella.

Ja nem te lembras? Viste-a descer. Descer até quasi tocar-nos. Viste-a frente a frente, olhos contra olhos, quasi chocando-se, triumphante, desapiedada e invulneravel. Viste-a ferir de perto, para melhor gosar da agonia de um combatente inerte. Viste o combate. Viste a victoria. Como te admiras de ver agora a loucura? Como não te lembras já? Porque zombas? E's um sceptico.

Tens razão. Enquanto a teu lado se passava este drama mudo, tu olhavas a sala repleta, escutavas o bulicio da multidão, e talvez, ancioso, esperavas o levantar do pano. Tens nervos já não vibram. E's um automato. E's uma ruina. Dize-me, quantas acções tomas para a grande companhia que se pretende estabelecer para cimentar do ouro o céu? Isto deve com certeza interessar-te. Espera-se que cada acção renda em trinta dias, dous milhões por cento!

— Não estás em teu juizo. Conversaremos amanhã. Dorme, que despertarás curado. Adeus.

E' assim o mundo. Um ri. Outro sonha. Nem vale a desculpa de que o tempo ensina. Nem me convence dizer-se que o soffrimento é a aurora do scepticismo. Eu é que me rio então. Que extravagancia apontar a aurora da morte! E' o scepticismo é um dos lados da morte. E' o lado que tem vida. Quem poderá logicamente, com verdade, explicar este enigma de tantos seculos?

Ha perto de um mez que ouvi esta conversa e penso ainda em resolver o impossivel. Havia tal encanto, tão dolorosa paixão nas palavras d'aquelle creança, que eu senti involuntariamente um desejo impetuoso de procurar a verdade d'aquellas impressões.

Tinha ouvido um nome e mais do que as precisas indicações.

Fui tentar descobrir no intimo d'aquelles dous corações, a origem do gelo e da labareda. Tinha ante mim uma estatua e um vulcão. Que cataclysmo os produziu?

Tinha visto os effeitos. Fui ver a causa.

Era uma bella mulher, de lindo olhar scintillante, humido se fosse possivel local-o. Grandes olhos negros, quasi velados pela mais bella renda que eu já vi. E filtrando-se através dos longos cilios, que pareciam elles mesmos luminosos, tem o olhar d'esta mulher um encanto fatal. Sentil-o sobre nós, quasi cegando-nos, se a fitamos, e não estremecermos, é impossivel. Não vi ainda olhar assim. Imaginae que uma estrella vos fita. Que vos persegue. Vós não a olhaes, mas sentis o calor amortecido, d'esta chamma distante. Imaginae agora que da estrella até vós se prolonga um largo rastro de luz, e que por esta escada olympica desce sobre vós um enxame de caricias, de beijos e de perfumes, imaginae-vos envolvido por essa nuvem, que ella vos toca, que ella vos queima, e tereis uma pallida idéa do que é o olhar d'essa mulher.

Larga fronte suavemente inclinada, cabello s negros abundantes, nariz delicadamente tallado, rosto quasi moreno e levemente rosado, dentes que parecem pequenos blocos de neve chrystalisados, e uma bocca divina, uma garganta e um collo, dignos do cinzel inspirado de Bernadelli, e eis as bellezas mais traduzíveis d'essa mulher verdadeiramente bella.

Um sorriso adora vel, voz melodiosa, cheia de uma graça infinita, levemente accentuada, talhe franzino, de uma doçura de linhas, tão correcta, tão harmonica, que dir-se-ia que ella nasceu e desenvolveu-se, como uma flôr, surgindo e desdobrando-se subtilmente, e eis esboçado, tanto quanto é possivel, o seu retrato.

Compreendi a ardente paixão d'aquelle creança. Compreendi, justifiquei aquelle amor insensato, sem esperanças e sem alegrias, solitario a revolver-se entre chammass no intimo de seu coração, como um deus louco, aprisionado pela fatalidade no calix de uma flôr. Compreendi aquelle entusiasmo, aquella expansão, aquelles desejos ardentes, sem nexos, desvairados, envolvidos n'uma vertigem abyssmosa de esperanças. Compreendi as lutas, os sonhos, as dores e as alegrias. Assisti pelo pensamento áquelle incendio. Vi cahir o raio, como um fluido luminoso, dos olhos d'ella, sobre aquelle coração quasi virgem. Tinha achado a causa da labareda. O vulcão estava-me patente.

Não tinha, porém, explicado senão a metade do mysterio. De onde viera o gelo? O outro, porque sentia frio ao contacto ardente das palavras do amigo. Seria possivel que a lava de um mesmo vulcão, cahindo, de um lado se transformasse em chamma, do outro se petrificasse em gelo?

Só hoje percebo todo o enredo d'este drama intimo, entre dous homens. Aquella gelo encobria um montão de chammass, um ciume inaudito, um amor louco.

Aquella gelo era uma mascara. A amizade tem d'estes sacrificios e d'estes soffrimentos.

E só agora eu imagino, estremecendo, que tortura horrorosa soffreria, rindo-se, aquelle homem, ao ouvir a descripção apaixonada d'aquelle amor, as esperanças, os ardores, o encanto infinito que produzira sobre seu amigo, os olhares d'aquelle mulher, que elle julgara terem sido só para elle!

Que tormento padeceria depois, ao saber das esperanças d'elle, do que fizera, do que tentava ainda fazer, até realizar o seu sonho!

Hoje já não existe entre elles este segredo. Procuram ambos esquecer, um os seus dias de esperanças, outro os seus dias de inferno.

O gelo propagou-se. Adivinho as brasas por sob os seus sorrisos frios. Estremeço ante aquelles dous sacrificios que se compensam; ante aquelles dous inimigos, quasi irmãos; mas leaes, sinceros, dignos um do outro.

Nem sempre aquelle que ri é o que soffre menos.

E. ARITTA.

A REVOLUÇÃO

IV

Que repellente quadro o mundo hoje apresenta!

Mostra a venalidade a face auri-sedenta, impéra a corrupção e o mando da opulencia em poucos corações inda acha resistencia. Calca-se aos pés sem dó o merito indigente, despreza-se o saber modesto, intelligente, que não vae alardear na praça aos ignorantes; e em quanto obscuro e pobre, ignaro entre os pedantes, morre o sabio na sombra em olvido inglorio, ergue-se um altar de ouro ao charlatão ruidoso.

Dos serviços de agora o premio é o esquecimento:

ao ancião que lidou, o olvido por moimento, e dão-se as distincções a quem tem só dinheiro! Torpe devassidão subjuga o mundo inteiro. Honra, crenças, dever, moralidade austera, justiça, rectidão, à luz da nova era, São meras tradições que o tempo vai perdendo:

no entanto as gerações consultam-se tremendo, e perguntam a si, se esta impudente orgia, sinistro martellar nas portas da anarchia, não trará apoz si, odiosa apparição, o sangrento fulgôr d'uma revolução.

V

Olhae: lá no porvir a chamma vai crescendo, d'entre as sombras da noite o seu clarão tremendo

brilha como um fulgor de sanguinaria aurora. Luz indecisa ha pouco, é chamma viva agora e encobre a face aos ceus de avermelhado

quanto; scintellas mil e mil, incandescente pranto, Vem na estrada jorrar que o mundo já percorre.

E' rapido o declive, e a humanidade corre!

FIM

SECÇÃO PEDAGOGICA

O PROGRAMMA OFFICIAL PARA 1887

Não se pôde contestar que os programmas para os exames geraes de preparatorios apresentam-se quasi sempre cheios de muitos inconvenientes, para não dizer defeitos e anomalias.

Uns, seguem o caminho da mais trivial rotina; outros, transformam-se n'uma chuva de termos empolados ou enigmaticos, antes pedantescas *charadas* propostas para pôr em prova a capacidade do professor e ser o terror dos estudantes.

O programma ultimo, para 1887, publicado em dias de Abril do corrente anno no *Diario Official*, pretende-se imbuir de uma especie de subalternisação scientifica ou por outra de uma hyerarchia pseudo-preparatorial.

O que, porém, torna-se caracteristico é que na confecção numerica dos *pontos* haja uma inteira falta de conexão, que dir-se-hia proveniente de um *cego* que copiasse a esmo o programma do Imperial Collegio Pedro II.

Assim nos pontos de *geographia* trata-se primeiro do *clima e sua influencia*, etc. antes das *cinco grandes divisões das terras*; e nos de *historia* separe-se a — *Origem do Christianismo* do reinado de Augusto e a — *Tomada de Constantinopla por Mahomet II* — do ponto que diz respeito aos *turcos ottomanos*.

Nas outras materias, a mesma deficiencia de vinculo methodico ou didactico.

E' realmente este um aspecto exquisito o de considerar a *coordenação* debaixo das formulas as mais incoordenadas!

Aceresce que o programma alludido, restringindo a materia argutiva em certo numero de pontos e dando ao mesmo tempo ao examinador a mais ampla liberdade na arguição das *generalidades*, estabelece o nocivo precedente, o das *sorpresas*, ou antes o das *perguntinhas de algibeira*, onde se apavona a ignorancia e se repimpa o patronato.

Não desconhecemos quanto os conhecimentos das sciencias naturaes e da lingua allemã são uteis e devem fascinar aos nossos *sapientissimos* estadistas, mas julgamos de indiscutivel necessidade encarregar-se uma commissão organisadora de professores, que conheçam as vantagens e os inconvenientes de um programma, de preferencia a administradores—meros automatons talvez de uma burlesca e contradictoria pedagogia.

Ila, pois, urgencia de um programma, mas completo, que corresponda às verdadeiras aspirações da instrucção publica, e duravel, pelo menos quinquennal, a fim de que possa haver consciente preparo dos examinandos e para que o ensino secundario não se transforme em *bazar* sob a capa misericordiosa do patronato.

ARY.

THEATROS

Realisa-se amanhã no Theatro Sant'Anna o beneficio do primeiro actor brasileiro Vasques.

Representa-se a comedia do Aluizio Azevedo — *Macaquinhos e o solão* e a scena comica, original do beneficiado — *Os Capoeiras*.

Julgamos inutil recommendar a festa artistica do actor mais estimado e mais popular que trabalha actualmente nos nossos theatros.

XXX

O Sant'Anna vai continuar as representações da applaudidissima — *Toulinegra do Templo*.

XXX

No Lucinda, o *Mercurio* continua a sua brilhante carreira. Em breve teremos a opera comica — *O Gallo de Ouro*.

XXX

Na Phenix, duas peças que tem sido muito applaudidas — *Os milagres de Santo Antonio* e *Ha alguma differença?*.

XXX

No Recreio brevemente se representará a *Francillon*, de Dumas Filho. Por enquanto o macrobio *Conde de Monte Christo*.

XXX

No Principe foi representada a parodia *Santa de Cordovil*. Um silencio tumular succedeu às duas representações d'esta peça. Não sabemos a razão e portanto calam-nos-nos tambem, esperando as grandes novidades que se estão preparando n'este theatro.

VARIEDADES

RETRATO

Cara á Nazareno. Nariz que podia aboletar-se entre o grego e o aquilino, carnudo e bem pronunciado. Olhos mansos, pretos; inspiram confiança e revelam cordura. Testa sulcada de rugas, com ondulações que accusam originalidade e energia de caracter.

Porte senhoril; sempre affavel, communicativo, despido de vaidade, excepto no tocante á sua prosapia; pois é filho de um tenente-coronel da guarda nacional e jamais dependeu do governo.

A sua posição não offusca, nem suscita invejosos. E' no entanto insubstituivel pelo delicado e melindroso de suas funcções. Occupa-se da cobrança de jornaes, cargo espinhoso e superlativamente desce rogante.

Meticuloso e severo na prestação de contas, incansavel na peregrinação das ruas em romaria atraz de assignantes, a sua entrada na sala de redacção faz expandir os semblantes; elle é o labaro de luz e vida; fero, fers, tuli, latum, ferre pecuniam!

Traço caracteristico: republicano inconverso; trahse pelo entusiasmo com que falla de Saldanha Marinho, Lopes Trovão e outros corripheus da Democracia. Politico até á medulla; esquece-se de toda a discrição, das horas, dos gritos do estomago, dos assistentes, para dar largas ás suas expansões patrioticas d'onde transpira, poreja, fervilha um sentimento loução, vivo, energico, independente.

Outro traço: Aborrece a dobrez, o amanho, o jesuitismo, os manejos sordidos, velados e inconfessaveis. A candura de sua alma estende-se e communica-se á sua conducta.

Veja-se o seguinte exemplo: Frequentava uma casa onde distinguia com o seu affecto nobre e franco a uma solteirona que ali se achava recolhida. Os oito lustres do nosso aspirantes não destoavam perante essas pretenções. Mas a fidalguia aritmetica de um intrus, permittio-se lavrar inventario e attestar a deficiencia dos recursos monetarios do namorado quarentenario. *Horresco*. Todas as pestes reunidas não lhe teriam inspirado maior nojo, nem dado melhores pernas para fugir.

PARA ADIVINHAR:

A primeira aos maçons bem conhecida — 1

Stá n'um verbo a segunda tradnzida — 1

A MOSCA

Pacifico, o lavrado mais picado de Serracinia, possuia um dom especial: avistava um mosquito a dez metros de distancia.

Dispunha de um verdadeiro olhar de lyace. Estando de passagem na Côte, e sendo o dia da abertura do parlamento, determinou ir ver a cerimonia.

Os assistentes eram muitos; e só com difficuldade o agricultor conseguiu postar-se na entrada do recinto senatorial.

Começara a leitura da falla do throno...

O silencio era geral.

No entanto Pacifico, em consequencia da especialidade de sua vista, divisoa uma mosca esvoagando em circulo sobre o angusto leitor; e o importuno insecto, não satisfeito d'isso, veio descansar sobre o papel da leitura.

Um movimento brusco fez com que o diptero levantasse o vôo; e depois de uma vira-volta veio pousar na imperial orelha, onde principiou a alisar as azas com os pesinhos e a se sacudir tanto que dir-se-hiaa mais desavolta bayadeira sobre um magnifico tapete da Persia.

Um meneio de fronte fez o insecto revoar. Mas este não tinha terminado as suas evoluções acrobaticas.

Depois de um rapido e curvilinee adejo, baixa o vôo sobre o bragantino nariz, e sem mais cerimonia, começou uma especie de furioso sapateado.

Pacifico, que acompanhava attentosamente todas estas evoluções, contemplando a physionomia imperturbavel e caracteristica do leitor honorario e parlamentar, assim pensou:

«E' impossivel que não sinta!»

E imaginando vivamente o prurido que devia experimentar aquelle que lia, desprende a mais franca e gostosa gargalhada.

Isto durou apenas alguns instantes; mas foi sufficiente para que todos os olhares convergissem para Pacifico, que vexado levou o lenço aos labios.

Entretanto esta expansão innocente e hilariante fez com que os soldados lançassem brutalmente Pacifico fora do edificio do senado, sendo conduzido para a enxovia.

Somente vinte dias depois, voltava Pacifico á roça, graças á intervenção de um *mandão de aldeia* que garantira ser o roceiro o mais bonachão do imperio e o mais respeitador dos papos de tucano.

Mas, perguntou o politico da roça — sendo tão ordeiro, como foste preso?

— Que quer, Sr. coronel, a causa de tudo isto foi a mosca.

JACQUES ARTEWELDT.

ADVERTENCIA

Parte por estes dias para Minas o nosso co-religionario e companheiro de redacção, Sr. Eugenio Augusto Pinto, que apresentamos aos nossos collegas d'essa provincia, como nosso representante e com plenos poderes para tratar de todos os negocios concernentes a esta folha.

APPELLO

Aos nossos dignissimos assignantes das provincias pedimos a fineza de nos remetter a importancia de suas assignaturas.

E' desculpa a este nosso pedido, não contarmos nós com outro auxilio, para o bom andamento d'esta propaganda.

CONSULTAS

Dr. Julio Diniz, especialista de febres, syphilis e molestias pulmonares; dá consultas das 12 às 2 e attende a chamados a qualquer hora em sua residencia, á rua 7 de Setembro n. 239.

Dr. Lima e Castro. Lente de clinica cirurgica da Faculdade de Medicina, cirurgião effectivo do Hospital da Misericordia. Faz todas as operações cirurgicas. Consultorio á rua dos Ourives n. 68, de 12 às 2 horas. Residencia á rua Marquez de Abrantes n. 44 A.

Dr. Moura Brazil, oculista. Consultorio: rua Sete de Setembro n. 1, de 1/2 hora às 3. Residencia: rua de Guanabara n. 38

Dr. Ed. Chapot Prévost, medico parteiro. Consultas das 11 às 2. Consultorio e residencia: Ouvidor n. 77.

Dr. Maia Barreto, medico homoeopatia. Consultas das 10 às 2 em sua resid. rua da Quitanda n. 55.

Dr. Adolpho E. Teixeira Duarte advogado. Rua da Constituição n. 6 (Sobrado).

ANNUNCIOS

LICÇÕES DE PIANO

A. Cardoso de Menezes

DÁ LICÇÕES DE PIANO

Recados na Redacção d'este periodico

ATELIER

DE

CAÑIZARES

Offerece ao respeitavel publico retratos a oleo, crayon, decorações de templos, vistas de fazendas, etc., etc., tudo com a maior perfeição e a preços razoaveis.

40 RUA DE GONÇALVES DIAS 40
RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA THEATRAL

Collecção de peças de theatro que mais voga tem cito nos theatros da Côte e Provincias, editadas pela livraria Serafim.

83—Rua Sete de Setembro—83

RIO DE JANEIRO

BRAVAS, OPERAS COMICAS E OUTRAS PECAS DE GRANDE ESPECTACULO.

Peças de Arthur Azevedo

Falka, opera burlesca.....	18000
A princeza dos Cajueiros.....	18000
Abel, Helena.....	18000
A filha de Maria Angé.....	18000
A casadinha de fresco.....	18000
Jerusalem libertada.....	18000
Niniche.....	18000
A joia.....	18000
Gillette de Narbonne, opera comica em 3 actos.....	18000
A flor de Liz.....	18000
Por um triz coronel, proverbio em 1 acto.....	5000
Amor por annexins.....	5000
Uma vespera de Reis.....	5000

Eduardo Garrido

Bocacio.....	18000
Viagem á lua.....	18000
O joven Telemaco.....	18000
A Mascotte.....	18000
Os sinos de Cornoville.....	18000
Sonhos d'ouio, peça fantastica em 3 actos.....	18000
Os Trinta Botões.....	5000
Por um triz.....	5000
Quasi que se pegam.....	5000
Um alho.....	2000
O meu amigo banana.....	2000
A bengala.....	2000

Coração e Genio, drama familiar, pelo Dr. Pires Ferreira.....	18000
As duas orphãs, celebre e importante drama em 5 actos.....	18000
Aimée ou o assassino por amor, bello drama.....	18000
A Judia, notavel drama do Pinheiro Chagas.....	18000
A morgadinha de Val-flôr, pelo mesmo.....	18000
Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antonio Eanes.....	18000
A Estalua de carne, traducção do Dr. Pires d'Almeida.....	18000
Dalila, celebre drama de Octavio Feuillet.....	18000
Romance de um moço pobre, pelo mesmo.....	18000
Amor e infamia, notavel drama.....	18000
Gonzaga, ou a revolução de Minas, celebre drama de Castro Alves.....	18000
Enrico, magistral drama extrahido do romance do mesmo nome.....	18000
Fausto, drama phantastico de Gutierrez da Silva.....	18000
Os Positivistas, drama onde não entra dama.....	18000
O negro, drama importante.....	18000

Typ. d'A DEMOCRACIA.